

Pragas da Colza

Автор(и): доц. д-р Недялка Палагачева, Аграрен университет в Пловдив; проф. д-р Янко Димитров, Аграрен университет в Пловдив

Дата: 02.04.2023 *Брой:* 4/2023



Paralelamente às suas grandes vantagens como cultura oleaginosa, a colza serve de hospedeira para um grande número de espécies nocivas, que em certos anos podem multiplicar-se massivamente e são capazes de causar perdas económicas significativas. Por esta razão, o estado fitossanitário da área onde a colza será semeada é de particular importância. Dentro e em torno dos campos de colza, é obrigatório destruir as ervas daninhas crucíferas, que são uma fonte de alimento para as pulgas crucíferas, a pulga do caule da couve e outras pragas.

Para a expressão e desenvolvimento do potencial biológico das plantas, são necessárias uma muito boa preparação do solo, rotações de culturas apropriadas, observação do isolamento espacial de espécies da

família *Brassicaceae*, sementeira a uma profundidade ótima e dentro de prazos ótimos com sementes saudáveis. Para manter um regime nutricional ótimo, são importantes a fertilização equilibrada com fertilizantes de azoto, fósforo e potássio, a utilização de variedades resistentes e a consociação de culturas. O controlo de pragas é realizado através da colocação de armadilhas para estabelecer o início do aparecimento do gorgulho da semente da couve, dos gorgulhos do caule do género *Ceuthorynchus*, do mosquito da vagem, e pela colocação de bandejas amarelas à altura das plantas no interior dos campos de colza. Quando realizadas a tempo e a um alto nível, estas medidas podem garantir um povoamento com densidade ótima.

A colza é uma cultura com um longo período de vegetação – 280–320 dias, pelo que as medidas de proteção das plantas devem ser adaptadas às fases fenológicas de desenvolvimento.



Pulga listrada pequena (Phyllotreta atra L.)

No outono, nas fases de formação dos cotilédones e da roseta, danos significativos são causados pelas pulgas crucíferas do género *Phyllotreta*: pulga listrada pequena (*Phyllotreta atra* L.), pulga listrada ondulada (*Phyllotreta undulata* Kutsch.).



Danos causados pela pulga listrada pequena

Multiplicam-se massivamente em tempo quente e seco, atacando as folhas jovens e tenras, em resultado do qual as plantas danificadas aparecem crivadas como uma peneira e secam. As pragas causam danos consideráveis no outono, o que leva a uma fraca acumulação de nutrientes nas plantas, necessária para superar as condições extremas durante o inverno.



Pulga do caule da couve (Psylliodes chrysocephala L.)

Durante o mesmo período, também ocorrem adultos da pulga do caule da couve (*Psylliodes chrysocephala L.*). Adultos que entraram em diapausa de verão tornam-se ativos na emergência da colza e roem buracos redondos nas folhas e caules. Os danos são significativos em tempo seco e quente. As plantas atacadas ficam atrasadas no seu desenvolvimento.



Danos causados pelas larvas da pulga do caule da couve

Parte das larvas eclodem no outono e outra parte – na primavera. As que eclodem no outono perfuram os pecíolos das folhas e alimentam-se do seu interior. Paralelamente a elas, também se observam danos da mosca-serra do nabo (*Atalia rosae* Christ.) e do escaravelho da folha da colza (*Entomoscelis adonidis* Pall.). Economicamente mais significativos são os danos causados pelas falsas lagartas da terceira geração da mosca-serra do nabo. Elas raspam a epiderme inferior em locais separados e mais tarde fazem danos de alimentação periféricos nas folhas. Em casos de multiplicação massiva, apenas a nervura principal permanece não afetada. As plantas danificadas morrem e os povoamentos ficam comprometidos já no outono. Num outono quente e seca prolongada, os danos desta praga são significativos, pois as raízes são incapazes de manter o turgor das plantas. Após as primeiras chuvas outonais, adultos do escaravelho da folha da colza deslocam-se para as áreas de colza e alimentam-se das folhas.



Mosca-serra do nabo (Atalia rosae Christ.)

A densidade das pulgas crucíferas do género *Phyllotreta*, da mosca-serra do nabo, da pulga do caule da couve e do escaravelho da folha da colza é registada utilizando o método da parcela amostral. Quando se estabelece uma densidade de 2 indivíduos/m² de pulga do caule da couve, 2–3 indivíduos/m² de mosca-serra do nabo e 3–5 indivíduos/m² de pulgas do solo, é necessário tratar com produtos com um amplo espectro de atividade e efeito residual longo, tais como: deltametrina (Deka EC, Deka EC, Desha EC, Dena EC, Poleci, Decis – 30 ml/da; Decis 100 EC – 5 ml/da, Meteor – 60–80 ml/da), cipermetrina (Cyberkil 500 EC, Citrin Max, Cypret 500 EC, Poli 500 EC – 5 ml/da). O aparecimento e multiplicação das pulgas crucíferas pode ser previsto em ervas daninhas crucíferas, bolsa-de-pastor, *Capsella bursa-pastoris*, e outras espécies, que servem de hospedeiros intermediários.

Na primavera, com o aquecimento do tempo, as temperaturas médias diárias sobem, a colza retoma o seu desenvolvimento e começa a formar o caule principal. Nesta altura, continua a atividade nociva das pulgas crucíferas e da pulga do caule da couve. Na agrocenose da colza, encontram-se o percevejo ornamental da couve (*Eurydema ornata* L.) e o percevejo comum da couve (*Eurydema oleraceum* L.). Adultos e ninfas dos percevejos sugam seiva das folhas, pecíolos foliares e florais, e vagens, em resultado do qual se formam manchas brancas nos locais de alimentação.

Na primavera, também se observam lagartas da borboleta branca grande (*Pieris brassicae* L.), da borboleta branca pequena (*Pieris rapae* L.) e da traça da couve (*Mamestra brassicae* L.). Elas danificam principalmente as folhas, roendo buracos nelas. Quando se estabelecem densidades acima do limiar económico, é realizado um tratamento com inseticidas seletivos.

Nas fases de formação dos botões, floração e formação das vagens, estabelecem-se as seguintes pragas: escaravelho do pólen (*Meligethes aeneus* F.), escaravelho peludo (*Tropinota hirta* Poda), gorgulhos do caule do género *Ceutorhynchus*: gorgulho do caule da couve (*Ceutorhynchus napi* Gyll.), gorgulho do caule do nabo (*Ceutorhynchus pallidactylus* Marsh) (sinónimo *Ceutorhynchus quadridens*), gorgulho da semente da couve (*Ceutorhynchus assimilis* Payk.), afídeo da couve (*Brevicoryne brassicae* L.) e mosquito da vagem da brassica (*Dasyneura brassicae* Winn.).



Escaravelho do pólen (M. aeneus)

O escaravelho do pólen (*M. aeneus*) está presente anualmente nos campos de colza e em certos anos multiplica-se massivamente. Aparece nos campos de colza imediatamente após a formação dos botões florais e encontra-se lá até ao final da floração. As larvas e os adultos alimentam-se de botões florais não abertos, destruindo os estames e as pétalas. As vagens formadas a partir de flores danificadas tornam-se em forma de caracol. A uma densidade de praga de 2–4 indivíduos/planta, a espécie pode multiplicar-se massivamente. Isto torna necessário um monitoramento semanal.



Danos causados pelo escaravelho do pólen

Os danos do escaravelho do pólen começam na periferia do povoamento em direção ao seu interior. Por isso, recomenda-se pulverizar quando se estabelece uma densidade de 1–2 indivíduos/m² e 15–20% de plantas infestadas, e apenas na borda do povoamento – uma faixa de 10–12 m de largura, com inseticidas de efeito mais duradouro. Ao realizar estes tratamentos periféricos, dificulta-se a migração do escaravelho do pólen para o interior do povoamento, ao mesmo tempo que se visa preservar espécies benéficas, polinizadores naturais e abelhas melíferas, que ainda se encontram em densidades mais baixas. Os tratamentos periféricos podem ocupar um lugar independente no sistema geral de medidas para o controlo desta espécie. Sabe-se que uma grande parte dos adultos move-se inicialmente sobre a vegetação infestante, depois instala-se nas margens do campo e só mais tarde se desloca para o interior do talhão.

A resistência do escaravelho do pólen às substâncias químicas ativas utilizadas complica o seu controlo bem-sucedido. Por isso, recomenda-se utilizar produtos de diferentes grupos químicos. Os inseticidas autorizados no nosso país são: cipermetrina (Cyperkil 500 EC, Citrin Max, Cypret 500 EC, Poli 500 EC – 5 ml/da), cipermetrina + butóxido de piperonila (Masan – 25 ml/da), deltametrina (Meteor – 60–80 ml/da).

Contra o escaravelho do pólen noutros países onde se cultiva colza, utilizam-se os seguintes bioinseticidas: Espinosade e Piretrum, fungos entomopatogénicos: *Metarhizium anisopliae* e *Beauveria bassiana*, e nematodes entomopatogénicos: *Steinernema feltiae*.



Escaravelho peludo (T. hirta)

Durante a floração, os danos às flores são causados pelo escaravelho peludo (*T. hirta*). A sua presença na agrocenose da colza deve-se à sua ampla especialização alimentar e à sua capacidade de se deslocar de hospedeiros preferidos de árvores frutíferas (marmeleiro, macieira) para culturas crucíferas em floração.

Gorgulhos do caule do género *Ceutorhynchus*: gorgulho do caule da couve (*C. napi*), gorgulho do caule do nabo (*C. pallidactylus*, *C. quadridens*), gorgulho da semente da couve (*C. assimilis*) são frequentemente encontrados em campos de colza.



Gorgulho da semente da couve (C. assimilis)

O gorgulho da semente da couve pode aparecer já no início da floração, mas o seu movimento massivo para a colza ocorre durante a floração plena. Quando se estabelecem densidades de gorgulhos do caule de 2–4 indivíduos/m², é necessário tratamento com um inseticida de contacto.